



DO APRENDER AO FAZER: CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS TEATRAIS NO ENSINO MÉDIO

FROM LEARNING TO DOING: CONTRIBUTIONS OF THEATER PRACTICES IN HIGH SCHOOL

Fernando dos Santos Pereira¹
Mestrando do Prof-Artes - URCA

RESUMO

O trabalho aborda a importância da linguagem artística do Teatro para o desenvolvimento de habilidades e competências dos jovens estudantes do ensino médio. Refletindo sobre a necessidade de um trabalho contínuo, ancorado na prática docente, que integre teoria e prática de ensino e utilizando metodologias que possam evidenciar o ensino, a aprendizagem e a criação em teatro. O objetivo é valorizar o ensino de arte e potencializar os processos de ensino, aprendizagem e criação em teatro. O artigo apresenta um panorama dos possíveis benefícios do fazer teatral para os estudantes, destacando o sistema de Viola Spolin não apenas como um recurso metodológico em sala de aula, mas também como um guia para a resolução das problemáticas abordadas e para o alcance dos objetivos propostos, através do sistema desenvolvido pela Spolin começamos a traçar caminhos possíveis de acordo com a turma e escola onde estamos inseridos. Além disso, o trabalho explora a formação em Teatro do autor, trazendo falas e citações que fortalecem o trabalho artístico na educação. Como conclusão, apresentamos aos leitores pontos relevantes para serem discutidos no âmbito da pesquisa em Teatro, bem como uma abordagem fundamentada para futuras discussões.

Palavras-Chave: Ensino. Teatro. Processo. Criativo. Viola Spolin.

ABSTRACT

The work addresses the importance of the artistic language of Theater for the development of skills and competencies of young high school students. Reflecting on the need for continuous work, anchored in teaching practice, which integrates theory and teaching practice and using methodologies that can highlight teaching, learning and creation in theater. The objective is to value art teaching and enhance the teaching, learning and creation processes in theater. The article presents an overview of the possible benefits of theater for students, highlighting Viola Spolin's system not only as a methodological resource in the classroom, but also as a guide for resolving the problems addressed and achieving the proposed objectives. , through the system developed by Spolin we begin to outline possible paths according to the class and school where we are inserted. Furthermore, the work explores the author's Theater training, bringing lines and quotes that strengthen artistic work in education. As a conclusion, we

¹ Mestrando em Artes pelo ProfArtes da Universidade Regional do Cariri – URCA. Graduado em Teatro pela Universidade Regional do Cariri e professor da rede estadual de ensino no estado do Ceará. URL do currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6096756113338378>.



present readers with relevant points to be discussed within the scope of Theater research, as well as a grounded approach for future discussions.

Keywords: Teaching. Theater. Process. Creative. Viola Spolin.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz à cena a importância do aprender e praticar Teatro na educação, como sendo um artifício motivador de diversas potencialidades aos jovens. Eles não devem se limitar apenas à teoria aplicada em sala de aula pelos professores, seguindo o plano de curso do componente curricular Arte, mas também devem intensificar a linguagem artística teatral por meio da prática.

Entender o significado do teatro na educação, passa antes de tudo, por compreender que seu valor está inteiramente ligado a funções indispensáveis que a arte pode ocupar na vida das pessoas e na sociedade humana, conforme apontam Ferraz e Fusari (2018) em seus estudos.

E fundamental que entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo. Em outras palavras, o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências. (p. 20).

E quanto a todos esses valores que as autoras nos trazem, eu convido você a entender sobre um breve recorte que trago nesse artigo acerca do valor do Teatro enquanto linguagem da arte na educação.

Mas para entendermos o lugar do Teatro na educação, precisamos nos ater ao fato de que o mesmo só foi inserido no contexto educacional em meados do século XX, nas principais sociedades ocidentais, como aponta Ricardo Japiassu (2001, p. 26), “A inclusão do Teatro como componente curricular da educação formal de crianças jovens e adultos nas principais sociedades ocidentais deu-se com o processo de escolarização em massa que caracterizou a democratização do ensino laico ao longo do século XX”.

Apontamento esse trazido acerca da inserção do ensino de Teatro na educação, tendo em vista que a mesma só aconteceu mediante um pensamento de educação neoliberal progressivista, onde a ideal era o “novo” modelo de ensino que



buscaria a perspectiva de “liberdade de expressão” e livre iniciativa. Com o trabalho na linguagem do Teatro, percebo que, se conseguíssemos contemplar de fato o propósito de ampliar a visão dos participantes para uma práxis artística os estudantes ganhariam e muito em conhecimento, uma vez que o teatro na educação pode trazer diversos benefícios como afirma Moraes (2020. p, 103). “O teatro na educação pode ser compreendido como um terreno fértil para descobertas do estudante sobre si, através de si, do outro e da troca entre vários, pois esse campo de conhecimento humano possibilita processos de integração individual e coletiva”.

Sobre o teatro na educação é interessante citar Japiassu quando ele afirma que:

O objetivo do ensino das artes, para a concepção pedagógica essencialista, não é a formação de artistas, mas o domínio, a fluência e a compreensão estética dessas complexas formas humanas de expressão que movimentam processos afetivos, cognitivos e psicomotores (2001, p. 24).

De fato, quando pensamos em teatro na sala de aula, o objetivo central não é a formação de atores, mas o fator de entender que processos como esses podem desenvolver habilidades sociais e emocionais nos discentes, estimular a criatividade e desenvolver competências comunicativas. Assim torna-se um aprendizado significativo.

O Teatro faz parte na educação do componente curricular Arte, de acordo com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), tem uma função tão importante quanto a dos outros componentes no processo de ensino e aprendizagem.

Além disso os parâmetros propõem que o componente Arte possa interagir com outras áreas do conhecimento, valorizar a cultura e permitir que o aluno possa conhecer o mundo tendo também uma dimensão poética do mesmo.

Quanto a essa afirmativa podemos ainda, elucidar o que traz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que sobre o componente nos diz:

O componente curricular contribui, ainda para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e purilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (BNCC, 2017, p.193).

Validar processos de ensino e aprendizagem artística na escola é algo que demanda empenho por parte de todos. Diariamente, ser professor de Artes significa



deparar-se com alguns problemas que podem enfraquecer o processo que objetivamos alcançar e, muitas vezes, nos levar por um caminho que parece mais fácil. Mas o que seria esse caminho mais fácil quando se tratamos de processos artísticos teatrais?

Fazer um esquete teatral apenas para uma data comemorativa, não tendo nenhum aprofundamento em elementos teatrais, sem buscar dialogar entre os membros da equipe que irão trabalhar e sem amparo em nenhuma metodologia teatral, alegando apenas a falta de tempo. Ah, sobre o tempo, sempre considero pouco. Os alunos geralmente usam o horário extra para ensaios, mas porque isso acontece? Seria a questão de vontade tanto dos estudantes quanto dos professores em realizar um objeto artístico significativo. No entanto, frequentemente nos deparamos com as atividades pouco planejadas, solicitadas apenas para necessidades específicas, o que consome muito tempo na teoria, deixando pouco para a prática e vice-versa.

Quando penso no papel do professor, me identifico com essa missão atualmente. Devemos resolver os problemas que surgem durante nossa jornada de ensino, além de conhecer as potencialidades mencionadas anteriormente para a formação de nossos estudantes e para o melhor desenvolvimento das práticas realizadas em sala de aula especificamente na área de Arte.

Sabendo que atualmente o ensino de Arte dispõe de uma hora aula por semana, faço a ressalva quanto ao fator tempo. No entanto, entendo que o que realmente precisa ser enfatizado são as potencialidades de um processo teatral em sala de aula, agregando valores aos estudantes. Com isso, podemos caminhar, quem sabe, para uma valorização maior da arte na educação, compreendendo também a significação dos processos, não apenas do objeto final. Validar processos deve ser tão significativo quanto ter um espetáculo final ou não.

Quanto aos processos em Teatro, Branquinho diz que:

O ensino do teatro é um processo que necessita de uma sequência e aprofundamento, de contínua reflexão, pois o aprendizado efetiva-se na prática e também na teoria. Assim, na atual conjuntura, teoria e prática são esmagadas em uma carga horária mínima, pouco representativa para uma abordagem qualitativa do trabalho artístico. (BRANQUINHO, 2010, p.35).



O pensamento da pesquisadora dialoga e muito com as ideias que tenho pensado sobre minha docência em Arte/Teatro. Uma das principais questões que me cerca é a carga horária curta para um movimento tão significativo quanto o ensino de Teatro. Por vezes, somos cobrados apenas por um resultado.

Quanto às abordagens teatrais na educação, quero destacar a forte influência de Viola Spolin para o ensino do Teatro. Ela propôs uma metodologia baseada na resolução de problemas e em jogos, que tem sido amplamente difundidos na atualidade.

O sistema de jogos teatrais da atriz, professora e diretora de teatro norte-americana foi particularmente difundido a partir dos anos 60. A pedagogia do teatro criada por Spolin enfatizou a dimensão improvisacional do fazer teatral e destacou a importância das interações intersubjetivas na construção do sentido da representação cênica na apropriação de algumas convenções teatrais (JAPIASSU, 2001, p.41).

A citação me faz entender o processo realizado pela Viola Spolin como um recurso metodológico a ser usado em minhas atividades e prática docente. Esse sistema criado por ela, é utilizado para construção de cenas com estudantes, bem como para o desenvolvimento de aulas práticas. No entanto, não é apenas essa pedagogia teatral que utilizo e me amparo para concepção dos processos de ensino, aprendizagem e criação em Teatro que venho desenvolvendo com os estudantes.

Outro teórico do Teatro que auxilia minhas investigações é Augusto Boal. Seu sistema, apresentado no livro “Jogo para atores e não atores”, também difunde a ideia de improvisação para criação cênica. As práticas desenvolvidas por Boal e os jogos utilizados permeiam as aulas que desenvolvo com os jovens. No entanto, adianto que não serão destacadas nesse artigo.

Durante os tópicos que apresento neste artigo, procuro evidenciar a importância das práticas teatrais no ensino, dando destaque à valorização da linguagem artística e às potencialidades que podem ser geradas pelo ensinar teatro. A metodologia teatral é fundamental para o meu caminhar em sala de aula com práticas artísticas na linguagem cênica.



Práticas que geram saber: A importância do teatro no ensino e na formação dos estudantes

Pensar na linguagem teatral é refletir sobre sua vasta contribuição na história da humanidade. Como uma arte o teatro é capaz de proporcionar aos seus criadores um diálogo com o tempo em que se vive, além de ser fundamental para reflexão sobre fatos que não foram vividos (passado), mas precisam ser discutidos e evidenciados.

Ao trazer essa indagação, coloco em discussão a potencialidade do trabalho com teatro para o desenvolvimento social dos jovens. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte:

O teatro promove oportunidades para que adolescentes e adultos conheçam, observem e confrontem diferentes culturas em diferentes momentos históricos, operando com um modo coletivo de produção de arte. Ao buscar soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano. [...] O teatro favorece aos jovens e adultos possibilidades de compartilhar descobertas, ideias, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolvendo a socialização. (PCN-Arte, 1998, p. 88).

Nesse sentido, é preciso entender que, na escola os estudantes começam a ter melhor noção de mundo. Quando o (PCN) menciona um dos benefícios do ensino de Teatro na educação, ele destaca a inclusão da criança. De fato, a educação e o ensino de Arte devem começar nos anos iniciais e, conseqüentemente, continuar até o final da vida escolar do individual.

Em complemento ao que trago do Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Teatro, ressalvo a importância de complementar a afirmativa colocada com a ideia difundida no documento que visa as normas atuais em vigor para a educação e especificamente no ensino de Teatro; a Base Nacional Comum curricular nos apresenta que os processos teatrais possibilitam no estudante a vivência em criações coletivas e colaborativas e troca de experiências entre os participantes ao ponto de aprimorar, a imaginação, intuição, percepção corporal e a emoção dos dicentes.

Quando recebemos alunos que, por alguma razão, não tiveram a experiência artística ao longo de sua formação (ensino infantil ou fundamental) e eles se deparam com processos que valorizam a linguagem artística, começamos a perceber as potencialidades em muitos desses estudantes. Essas habilidades deveriam ter sido



otimizadas desde a infância. Além disso, muitos demonstram curiosidade em aprofundar-se em uma linguagem artística esta podendo ser Artes Visuais, Dança, Música ou Teatro.

De acordo com Reverbel (1997):

As atividades de expressão artística são excelentes recursos para auxiliar o crescimento, não somente afetivo e psicomotor como também cognitivo do aluno. O objetivo básico dessas atividades é desenvolver a auto-expressão do aluno, isto é, oferecer-lhe oportunidades de atuar efetivamente no mundo: opinar, criticar e sugerir (p. 34).

Quando trazemos enquanto possibilidade a autoexpressão do aluno, dou destaque para um dos principais motivos pelos quais os adolescentes têm interesse pelo fazer teatral: que seria a perda da timidez e a capacidade de expressar. Durante os procedimentos essa habilidade vai surgindo aos poucos. Talvez você, professor de Teatro, já tenha vivenciado isso: a descoberta de um estudante muito tímido que desperta para o mundo durante uma atividade teatral, começando a encontrar sua voz num grupo e revelando talentos que estavam ali quietinhos só esperando a oportunidade. Com muitos, foi assim; eu mesmo fui uma criança tímida que despertou para o mundo com o Teatro, e também percebo esse movimento em muitos dos meus estudantes.

Olga Reverbel também aborda em um dos seus textos um fator que considero válido no ensino de Teatro na educação. Ela diz que não necessariamente devemos apenas montar espetáculos teatrais em sala de aula, mas entender as atividades desenvolvidas como algo que estimule a imaginação dos estudantes e a percepção, permitindo que essas contribuições possam ser aplicadas por eles no mundo.

Quanto a isso, Carvalho (2020), nos traz uma ideia essencial ao trabalho com arte: “A arte possibilita a instauração onde se desperta o melhor que temos enquanto seres humanos, pois são atos criativos que impulsionam o homem ao pensamento inovador, trazendo as soluções que o mundo necessita, aliando desenvolvimento intelectual, educacional e social”.

Concordo com a autora e, apresentado todos esses pontos sobre as contribuições que o ensino de Teatro pode oferecer, e como ele formar as pessoas, reafirmo a importância deste campo para a educação que valoriza os processos



artísticos e reconhece a notoriedade do fazer teatral como gerador de conhecimento e sabedoria.

Caminhos a percorrer: A metodologia (teatral) em sala

Quando nos referimos à prática a ser realizada em sala de aula e que visa todas as potencialidades do ensino de Teatro, frequentemente nos deparamos com a metodologia de jogos teatrais. Assim, as figuras de Viola Spolin, Eugênio Barba, Ingrid Koudela, Augusto Boal, Peter Slader, Olga Reverbel surgem e se tornam presentes em nossa prática diária.

Talvez, ao se deparar com todos esses autores, você até se questione se de fato eles são usados durante os processos que realizamos enquanto docentes. A resposta seria um sim, considerando que todos traçam, em suas pesquisas, o desenvolvimento artístico como forma de ampliar as potencialidades humanas por meio da arte. Dessa maneira, a inserção deles no campo da educação é válida. Obviamente alguns professores e pesquisadores se atêm a determinado estudioso.

Durante os meus processos, como citado no início desse artigo, referir-me a um deles como sendo de fato um norte e a base para realização de minhas práticas. Quanto a isso, discorro neste tópico, referindo-me a Viola Spolin.

A proposta metodológica de Viola Spolin, embora originalmente voltada para o ensino do teatro (de uma perspectiva pedagógica essencialista ou estética), não exclui a possibilidade de seu uso instrumental em diferentes áreas de aplicação. Spolin oferece um significativo avanço para a pedagogia teatral ao formular, pioneiramente, o conceito de jogo teatral. Seu sistema de jogos teatrais é uma metodologia que tem se revelado eficaz para o ensino do teatro a crianças e adultos. Sua proposta tem informado uma quantidade expressiva de práticas pedagógicas teatrais na educação infantil, no ensino fundamental, médio e superior brasileiros e se configura numa âncora para o trabalho de teatro-educadores tanto no âmbito da educação escolar, quanto no nível da ação cultural (oficinas e intervenções cênico-pedagógicas) em todo o país (JAPIASSU, 2001, p. 42).

Sobre a metodologia de ensino teatral da Viola Spolin, é importante destacar que sua proposta foi estudada e posteriormente difundida no Brasil por estudiosos como Ingrid Koudela e Maria Lucia Pupo. Mas por que considero o sistema da Viola tão primoroso na perspectiva e realização dos meus trabalhos docentes em teatro?



A resposta se dá não apenas pela relevância da autora nos estudos teatrais e pesquisas desenvolvidas sobre seu sistema, mas também pela dimensão improvisacional que existe em seu método de ensino para o teatro.

Nesse contexto, surge uma nova pergunta: por que o trabalho com improviso? Percebo, como professor de adolescentes, que a prática teatral, quando realizada a partir do improviso ou de comandos que soem mais simples para eles, aumenta ainda mais a participação. Quando esse movimento vem sendo realizado de forma grupal, no sentido de uma ação realizada pela turma, vemos um engajamento maior. Quanto a isso, Viola Spolin nos traz o seguinte.

Para o aluno que está iniciando a experiência teatral, trabalhar com um grupo dá segurança, por um lado e, por outro lado, representa uma ameaça. Uma vez que a participação numa atividade teatral é confundida por muitos com exibicionismo (e, portanto, com medo de se expor), o indivíduo se julga isolado contra muitos. Ele luta contra um grande número de “pessoas de olhos malevolentes”, sentadas, julgando seu trabalho. O aluno se sente constantemente observado, julgando a si mesmo e não progride. No entanto, quando atua com o grupo, experienciando coisas junto, o aluno-ator se integra e se descobre dentro da atividade (SPOLIN, 2010, p.10).

Essa descoberta ainda vem sendo estudada por mim ao longo do estar professor do ensino médio. Realizo diversas proposições para ações práticas com os estudantes quando estamos trabalhando teatro em sala de aula.

A dimensão improvisacional nos processos faz com que os jovens se desenvolvam, muitas vezes sem tantas amarras. A timidez perde um pouco do tom quando eles improvisam, pois acredito que o ato de improvisar, antes de tudo, pela sua etimologia, como algo que não precede racionalizar, faz isso com os estudantes; o medo de errar não existe ali.

Quando consigo, através de uma improvisação, inserir temáticas do dia a dia sem que muitos percebam, para que eles dramatizem em sala, e quando consigo que os estudantes se entreguem posteriormente a uma criação mais estruturada, vou entendendo que o ganho dos processos começa a criar “brilho”.

Esse “brilho” ao qual me refiro é o engajamento, a disposição para participar, o estar presente no jogo e na ação. A partir daí, posso aprofundar-me no sistema de Viola Spolin para um processo em sala de aula que pode ser mais duradouro. O sistema de Viola Spolin está estruturado da seguinte forma:



1) O foco ou ponto de concentração do jogador durante a busca de solução para os desafios postos pelo professor ou coordenador; 2) a instrução do professor ou coordenador dos trabalhos durante a resolução do problema pelos jogadores; 3) a plateia ou os observadores do jogo teatral, constituída por parte dos jogadores que integram o grupo de trabalho com a linguagem teatral; 4) a avaliação coletiva dos resultados obtidos, compartilhada por todos os membros do grupo (jogadores-atuantes e jogadores-observadores). (JAPIASSU, 2001, p. 43).

Mediante esse sistema, em sala de aula, eu costumo realizar os trabalhos com meus alunos. Por vezes seguindo a estrutura proposta, enquanto em outras ocasiões complemento com jogos de outros estudiosos e com base na minha experiência pessoal adquirida durante minha formação acadêmica e de vivências teatrais. A base do sistema trazido pela autora se traduz no meu processo de trabalho da seguinte maneira.

1. **Foco de concentração e jogos de improvisação** – Divido os alunos em grupos e apresento temas (problemas) para serem encenados. Esse foco de concentração permite que os estudantes explorem sua criatividade e habilidades teatrais, que por vezes já vem sendo trabalhadas em aulas anteriores, quando já tenho introduzido com a turma as práticas teatrais;
2. **Instrução do professor** – Durante as atividades, forneço orientações gerais, enfatizando a relevância da participação de todos. Esse momento é crucial para engajar os alunos e prepará-los para as apresentações que ocorrem em sala mesmo. A interação direta com os estudantes ajuda a criar um ambiente propício para o aprendizado teatral por vezes eu até me incluo em grupos no sentido de encorajar também os estudantes a fazer.
3. **Avaliação** – Após as apresentações, realizamos reflexões sobre o que foi encenado. Essa etapa é fundamental para avaliar o progresso dos alunos e identificar áreas de melhoria que podem ser desdobradas em aulas futuras.

Acerca do desenvolvimento de jogos teatrais para aulas práticas que desenvolvo e o sistema de Spolin a mesma traz significados que tenho como importantes para a realização dos processos.

A oficina de teatro pode torna-se um lugar onde o professor e alunos encontram-se como parceiros de jogo, envolvidos um com o outro, prontos a entrar em contato, comunicar, experimentar, responder e descobrir [...] as oficinas de jogos teatrais não são designadas como



passatempos do currículo, mas sim como complementos para aprendizagem escolar, ampliando a consciência de problemas e ideias fundamental para o desenvolvimento intelectual dos alunos [...] as oficinas teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. (SPOLIN, 2017, p.29).

Refletir essa estrutura me coloca a percepção dos processos que tenho realizado nas turmas que leciono. Ao mesmo tempo, me fazem procurar aprofundar-me cada vez mais na busca pelo engajamento do maior número de alunos, de maneira que as práticas teatrais em sala sejam efetivadas com afinco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou evidenciar, com base no que foi apontado, questões que julgo pertinentes para serem abordadas e estudadas por pesquisadores em ensino de Arte/Teatro. Na situação, fiz um recorte e explorei, a partir da minha formação em Teatro para trazer falas e citações em uma perspectiva que fortaleça o trabalho artístico na educação e que vise o ensino, aprendizagem e criação em Teatro.

O trabalho com o ensino de Arte/Teatro ainda deve percorrer um longo caminho para que possamos, quem sabe, ter na educação tudo o que se propõe ao ensino de Arte em nosso país. No entanto, deixo aos caros colegas a ideia de que o pouco a pouco pode fazer uma diferença enorme na vida de muitos. As benevolências do Teatro são diversas, e nem sempre conseguiremos elencar todas ou trabalhar em sala com elas em sua amplitude. Porém, saibamos entender que os processos são valiosos e devem ser difundidos dia a dia. Talvez isso envolva um trabalho que nós, professores, tenhamos que realizar de conscientização da comunidade escolar, dos pais e, muitas vezes, até de colegas educadores, para que todos entendam a dimensão e função do fazer artístico na educação.

Em suma, é fundamental reconhecer a importância da experiência teatral na formação dos estudantes. O teatro não é apenas sobre apresentações no palco; é um conhecimento para desenvolver habilidades interpessoais, criatividade e



autoexpressão. Ao promover a vivência teatral, estamos capacitando os alunos a se tornarem cidadãos mais conscientes e confiantes.

REFERENCIAS

- Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** / Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc> Acessado em 7 de outubro de 2024.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artes.pdf> Acessado em 9 de julho de 2024.
- BRANQUINHO, Vanessa Siqueira. Desafios e superações no ensino de teatro na educação formal em Goiânia. Monografia – Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiânia, Goiânia, 2010.
- CARVALHO, Paulo Ricardo do Rosário e Marisa de Sousa Napolini. **Corpo cardume: investigações poéticas entre dança e teatro no contexto escolar**. In E74. Escola e arte (Tomo I, volume 1): propostas pedagógicas / organizado por Rejane Coutinho... [et al.]. – São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2020.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições** / Ferraz, Maria H. C. Toledo e, Maria F. Rezende e Fusari. - 3. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Cortez, 2018.
- JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do Ensino de Teatro**/Ricardo Ottoni Vaz Japiassu. – Campinas, SP: Papyrus, 2001. – (Coleção Águere).
- MORAES, Jefferson Araújo. **Sentidos da experiência teatral no ensino médio técnico: criação e percepções de um processo artístico/pedagógico**. In E74. Escola e arte (Tomo III): processos de criação artística/organizado por Rejane Coutinho... [et al.]. – São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2020.
- REVERBEL, Olga. **Um caminho do Teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.
- SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**/Viola Spolin: [tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos]. – São Paulo: Perspectiva, 2010.
- _____, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**/Viola Spolin: [tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela] – 1 reimpr. da 3. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2017.
- TELLES, Narciso. **Cartografias do ensino do teatro**/Adilson Florentino, Narciso Telles (orgs.). - Uberlândia: EDUFU, 2009.